

ESCREVIVÊNCIA: REFLEXÕES SOBRE ATENDIMENTO NA MODALIDADE PLANTÃO PSICOLÓGICO ON-LINE DURANTE O PERÍODO DE PANDEMIA DE COVID-19 E ISOLAMENTO SOCIAL

WRITING EXPERIENCE: REFLECTIONS ON SERVICE IN THE ON-LINE PSYCHOLOGICAL TREATMENT MODALITY DURING THE PERIOD OF THE COVID-19 PANDEMIC AND SOCIAL ISOLATION

Ricardo Marinho da Silva¹

RESUMO: O presente artigo escreve sobre a vivência no atendimento na modalidade Plantão psicológico on-line durante o período de pandemia e isolamento social. Optou-se por utilizar a escrevivência como proposta de análise de pesquisa. A escrevivência é uma metodologia de pesquisa no campo das ciências humanas que utiliza da vivência do pesquisador como ferramenta para a produção de novos conhecimentos. Assim, espera-se apresentar um conjunto de saberes (teóricos-reflexivos) apreendidos pelo olhar crítico do pesquisador para que novos fluxos de conhecimento se construam acerca do plantão psicológico on-line como potência de cuidado e promoção à saúde.

Palavras-chave: Plantão Psicológico on-line. Plantão Psicológico. Covid-19. Isolamento Social.

316

ABSTRACT: This article writes about an experience in the online Psychological emergency modality during the period of pandemic and social isolation. We chose to use writing as a research analysis proposal. Writing is a research methodology in the field of human sciences that uses the researcher's tool to produce new knowledge. Thus, it is expected to present a set of knowledge (theoretical-reflective) apprehended by the critical eye of the researcher so that new flows of knowledge are built about online Psychological emergency as a power of care and health promotion.

Keywords: Online Psychological treatment. Psychological emergency. Covid-19. Social Isolation.

INTRODUÇÃO

Em tempos de emergência sanitária, ocasionado pelo Coronavirus disease – 2019 (COVID-19), em seu estatuto de pandemia e suas medidas protetivas de isolamento social. O sistema sociopolítico econômico é confrontado a parar, sombreado pelo luto coletivo de meio milhões de mortes causadas pelo covid-19 no Brasil (CENTRO DE CIÊNCIA E ENGENHARIA DE SISTEMAS DA UNIVERSIDADE JOHNS HOPKINS, 2021),

¹ Mestrando em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo. Psicólogo CRP03/25500. Graduado em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia. E-mail: ricardomarinopsicologia@gmail.com.

colocando em causa o biopoder - conceito criado por FOUCAULT” (1997; 2000), para explicar a forma que o governo se utiliza das ciências médicas para governar as vidas, ao mesmo tempo que caminha para 32,9% de pessoas abaixo da linha da pobreza (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE, 2019).

Além da pandemia, o Brasil enfrenta ameaças às políticas públicas, nomeadamente desmonte (congelamento) a políticas públicas, que asseguram/garantem os “direitos humanos”. Reflexo de políticas capitalistas- neoliberais que retiram a responsabilidade social-assistencial do Estado submetidas às logicas financeiras do mercado - num ciclo de produção que alimentam/sustentam desigualdades sociais (SILVA, 2020). Esse projeto de sucateamento reforça lugares de pobreza/miséria já existentes no Brasil, porém atinge, especificamente, a população negra e periférica, colocando essa população em situações de vulnerabilidade emergentes. Essa política que perpetua desigualdades retira-lhes condições básicas de vida, educação e saúde dificultando o acesso de sair dessa condição de vulnerabilidade (SILVA, 2020) e silencia o sofrimento (ROSA, 2016).

Em outro contexto, a mercantilização da medicalização psiquiátrica cresce 13% entre 2019 e 2020 para uma parcela da população no Brasil (CONSELHO FEDERAL DE FARMÁCIA, 2020), ilustrando o aumento do diagnóstico em depressão e ansiedade durante a pandemia (NOAL, DAMASIO & FREITAS, 2020). Porém, em estudo longitudinal de saúde brasileiro realizado em parceria com o Centro de Pesquisas de São Paulo, não foi encontrado evidência de agravamento da psicopatologia relacionada diretamente à pandemia em 2020. No entanto, o estudo comprova que os transtornos e patologias continuam em patamares elevados (BRUNONI et al., 2021).

Assim, o isolamento social prolongado, ameaças sanitárias e instabilidade política provocam sofrimento psíquico, afetando a saúde e qualidade de vida dos brasileiros (MORETTO & SILVA, 2021). Por outro lado, pode-se pensar que os crescimentos dos diagnósticos psicopatológicos lucram com o mercado do biopoder (médico-farmacêutico) neoliberal que vende os avanços do conhecimento científico na promessa de ausência de sofrimento (SOUZA E LAUREANO, 2020), engendradora a medicalização da vida.

Em outros termos, a bomba microbiológica contrapõe a fantasia de onipotência/onisciência da ciência situada em contexto sociopolítico econômico marcado por vulnerabilidades sociais que produzem riquezas privadas, defronta-se com o paradoxo que o medicamento para o vírus não se alastrar desvela a fragilidade da sociedade neoliberal do desempenho e seu registro de funcionamento que produz depressão

(EHRENBERG, 2000; HAN, 2015), ou seja, nomeações (patologias/ transtornos) para dar conta do sofrimento-adoecimento, mas lucra com os efeitos psicossociais.

FREUD (1996), aborda no livro “Mal-estar na civilização” que o sofrimento tem três origens: no corpo, mundo exterior e as relações entre os homens. Assim, o “mal” está no impasse entre a exigência de renúncia imposta pela sociedade e o impulso para a satisfação. Dessa forma, o sistema socioeconômico-cultural controla o indivíduo para a manutenção da vida em sociedade, promovendo conflito (mal-estar) na busca pela felicidade (LIPOVETSKY, 2007; 2014). Todavia, as expressões contemporâneas do mal-estar e sofrimento a luz de um cenário neoliberal reforça a promessa da compra do prazer por via da patologização do sofrimento.

Consequentemente, as sociedades fabricam a gramática social do sofrimento, ou seja, criam categorias diagnósticas, articuladas de maneira globalizada com a ciência e cultura, que produzem subjetividades (patologias sociais) que se ancoram nos modos de vida. Nesse contexto, o sofrimento pertence a uma experiência, portanto, é indissociável de narrativas e identificação; e a nomeação do sofrimento é o que permite o seu (re)conhecimento, identificação e possibilidade de tratamento marcado no laço social (DUNKER, 2015; 2018).

Por outro lado, ROSA (2016), reflete acerca das formas de sofrimento e mal-estar sociopolíticos e subjetivos no laço social-estrutural, fruto do capitalismo sob a forma de consumo-lucro e subjetivação aos imperativos que promovem processos violentos de exclusão e silenciam a pluralidade/singularidade fomentando sofrimento invisibilizado.

Essa estrutura de funcionamento é excludente, pois desconsideram a diversidade humana e as colocam de forma a competirem entre si, violentamente, na promessa de gozar pelo capital. Assim, sociedade avança para registro de funcionamento multifuncionais, híbridos e autônomos de dessimbolização do mundo (DUFOUR, 2005). Como fruto dessa mudança, o sujeito é capturado pelo culto à imagem, pelos excessos e o convite ao imperativo de gozar sem limites (PEREIRA, 2016).

Segundo MORETTO, KUPERMANN E HOFFMANN (2017), as subjetividades não mais representam o sofrimento por via da linguagem. Tendo como consequência a morte de múltiplas maneiras (CORTIZO, 2017), representadas no registro corporal (MORETTO, KUPERMANN & HOFFMANN, 2017). Em resposta ao padecimento, a ciência confedera-se a indústria farmacológica para vender a cura do que produz por via da identificação da sintomatologia diagnóstica no campo da saúde (ROCHA et al., 2019).

A vista disso, a sociedade constrói uma normatização de uma forma vida (neoliberal) e, em consequência, uma única forma de sofrimento legitimado, portanto, reconhecido pelos circuitos de cuidado dos dispositivos da saúde e sua patologização diagnóstica (DUNKER, 2015). Com isso, o crescimento dos dados epidemiológicos que ilustram o sofrimento psíquico endossa a participação da dimensão social na estrutura psíquica (MORETTO & SILVA, 2021).

No entanto, em psicanálise a noção de sofrimento é avessa ao discurso científico e sua aposta na saúde por via da utilização do medicamento (MARTINHO, 2001). De acordo com SAFATLE (2015), o sujeito não sofre por apresentar seus sintomas, mas o sintoma é associado ao sofrimento por ser reduzido como expressão do adoecimento. Entretanto, a ética em psicanálise não propõe uma cura do sofrimento orientada pelo ideal regulador da saúde clínica-médica. A experiência analítica propõe um rompimento à reprodução de uma vida inscrita no ideário das expectativas normativas (NEVES, 2020). Em que a psicanálise atua como um método de tratamento que é produtora de efeitos terapêuticos (MARCOS & OLIVEIRA JÚNIOR, 2013).

Como assinala CATANI E MORETTO (2016), a incidência e prevalência da clínica dos transtornos mentais produz poucos registros simbólicos para o sujeito se haver com o excesso social não assimilado pelo psiquismo. Com isto, a psicanálise busca ofertar um espaço de subjetivação do sofrimento encontrando elementos para circunscrever o mal-estar. Isso porque “Para a psicanálise, ainda que os sintomas estejam presentes, o analista não sabe a priori do sofrimento do paciente, é preciso que o sujeito fale para implicar-se no que está acontecendo e entender o seu adoecimento” (CATANI & MORETTO, 2016, p.174)

Nesse sentido, se antes a clínica psicanalítica contemporânea era tensionada a ir além do racionalismo da época freudiana e sua inclinação ao tratamento (MORETTO, KUPERMANN, & HOFFMANN (2017). Acrescido ao contexto de pandemia e isolamento social, o setting analítico começa a se eclipsar e a demandar formas online de promoção do cuidado em psicanálise.

Deste modo, a pandemia ocasionada pela Covid-19 acresce as fontes de sofrimento proposto por Freud no adoecimento no corpo, ameaça a vida e o cuidado que demanda uma postura preventiva tendo em vista a responsabilidade de todos (MORETTO & SILVA, 2021).

A partir da resolução No 4, de 26 de março de 2020, que regulamenta serviços psicológicos prestados por meio remoto durante a pandemia do COVID- 19 (BRASIL, 2020) e o caderno de orientações Práticas e Estágios Remotos em Psicologia no Contexto da Pandemia da COVID-19 (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2020), em que orienta os estágios em psicologia clínica remotos, nomeadamente acolhimentos, plantão psicológico e continuidade de terapia presencial em formato online. O serviço de plantão psicológico online tem se popularizado como possibilidades de atendimento nas Instituições e nos Serviços de psicologia escola, como resposta frente ao novo cenário de impossibilidades.

O plantão psicológico foi inspirado no modelo norte-americano de atendimento imediato à comunidade walk-in clinics (MOZENA, 2009). Inaugurado no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo em 1960 por Rachel Rosemberg utilizando-se do aconselhamento psicológico proposto pela Abordagem Centrada na Pessoa de Carl Rogers (ROSENBERG, 1987). Sendo reconhecido como prática emergencial da psicologia pelo Conselho Federal de Psicologia - CFP em 1988.

O atendimento por via do modelo de plantão psicológico apresenta-se como uma modalidade de cuidado de tipo emergencial, priorizando o espaço de escuta, acolhimento e intervenção pontual em situações de crise (FURIGO et al., 2008). Implementado em dispositivos públicos de saúde, segurança, assistência e educação (FARINHA & SOUZA, 2016). Portanto, o plantão psicológico visa responder a lógica institucional de urgência-emergência no horizonte de clarificar a demanda e intervir em situação de emergencial, provocando o apaziguamento de um sofrimento insustentável (ORTOLAN et al., 2019).

Nesse contexto, retomando a Freud em “Linhas de progresso na teoria psicanalítica” em que um dos desafios do psicanalista seria “adaptar a técnica às novas condições” (FREUD, 1976 p.180), o atendimento na modalidade plantão psicológico em psicanálise se torna possível por meio da ética em psicanálise (MORETTO & PRISZKULNIK, 2014). Em vista disso, o plantão psicológico, dentro da ética da psicanálise, busca descolar identificações e posições engessadas que geram sofrimento, dando visibilidade à subjetividade - singularidade do sujeito da experiência ofertando escuta singular do sofrimento de cada indivíduo (SIMÕES, 2011; OLIVEIRA et al., 2021).

A partir desse cenário, o trabalho realizado no plantão psicológico em psicanálise consiste em acolher o sofrimento, em seus múltiplos contextos, buscando construir narrativas que produzam efeito elaborativo e de retificação subjetiva. Seu objetivo

principal é oferecer experiência de manejo clínico na modalidade de plantão psicológico sob orientação da psicanálise na clínica ampliada e desenvolver dispositivos de escuta e de intervenção que atuem pontualmente pelo desdobramento da queixa/sintoma em elaborações de demanda e de recursos subjetivos-sociais. A partir disso, o objetivo do artigo é refletir acerca da escrevivência (EVARISTO, 2007; 2009; 2017), no Plantão psicológico online em contexto de pandemia e isolamento social.

METODOLOGIA

O presente artigo busca refletir teoricamente vivência no atendimento na modalidade Plantão psicológico on-line durante o período de pandemia e isolamento social. O público do Plantão Psicológico tem idade a partir dos 18 anos, é de classe econômica indefinida e residente da Bahia. Reflete-se que as principais queixas/sintomas que aparecem durante as escutas dizem a respeito de um sofrimento não nomeado, traduzido por linguagem médica, articulado com a pandemia do Covid-19 e isolamento social.

A partir desse circuito, optou-se por utilizar a escrevivência como proposta de análise de pesquisa. A escrevivência é uma metodologia de pesquisa no campo das ciências humanas, desenhada por Conceição Evaristo, que utiliza da vivência do pesquisador como ferramenta para a produção de novos conhecimentos (EVARISTO, 2007; 2009; 2017). Com essa perspectiva, busca-se apresentar um conjunto de saberes (reflexões) apreendidos pelo olhar crítico do pesquisador para que novos fluxos de conhecimento se construam (SILVA, 2018).

Posto isto, espera-se refletir o plantão psicológico on-line como potência de cuidado e promoção à saúde em contexto de pandemia e isolamento social, fundamentando-se na resolução nº4, de 26 de março de 2020 (BRASIL, 2020), que regulamenta serviços psicológicos online durante a pandemia do COVID-19.

ESCREVIVÊNCIA

O atendimento dentro do formato Plantão Psicológico online se espelha no modelo de atendimento clínico norte-americano (MOZENA, 2009), preconizado no Brasil pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo por Rachel Rosenberg, fundamentando-se no aconselhamento psicológico da Abordagem Centrada na Pessoa de Carl Rogers (ROSENBERG, 1987).

Com a crise da pandemia de Covid-19 e sua medida profilática de isolamento social o atendimento on-line tornou-se uma possibilidade de escuta/cuidado do sofrimento humano em crise sanitária/sociopolítica/subjetiva para a população que tem acesso aos recursos tecnológicos.

Em outros termos, atravessados pelo desafio de atender virtualmente pacientes com baixa ou com nenhuma instrução tecnológica, barrámo-nos com as condições sanitárias causadas pelo Covid-19 e as significativas perdas consequenciais, tendo como forma de resposta o atendimento remoto e os desafios do vínculo terapêutico e as novas possibilidades de cuidado pela via on-line.

Experiência que demanda enquanto no lugar de psicólogo plantonista competências teóricas-técnicas e éticas para atuar na promoção de cuidado (acolhimento) psicológico, (descobrimo) intervindo em novos formatos/contextos, atravessado pela condição de crise (pandêmica) sanitária e luto coletivo pela assustadora quantidade de mortes.

Abrindo caminhos para narrar e escutar o sofrimento com técnicas que promovam catarse/elaboração/mudança subjetiva ou a condição de presença e seu efeito terapêutico do falar, possibilitando desvincular o sujeito do significante que vem ancorada ao social como identidade fixada e trabalhar as múltiplas potencias/possibilidades de ressignificações e/ou elaborações do sujeito, para além do discurso biomédico, que atua como mediador entre o social e singular.

Tecendo espaço para a construção de novas narrativas, de forma criativa, que desancoram dos reducionismos (subjetivação - alienação) e limitações provocadas pelo diagnóstico ou laço social – gramática social do sofrimento (DUNKER, 2018). Essa nova produção de sentido estrutura-se como um rompimento aos reducionismos, abrindo espaço para suposição de sujeito que tenta, apesar da circunstância, reencontrar-se como sujeito independente-autônomo da sua própria situação/condição.

Tal característica no caminho on-line exige maiores cuidados que as paredes dos consultórios protegeriam e a ligação da internet falha. À vista disso, apresentam-se os desafios da transferência que ocorre com o serviço, intermediar o laço social e institucional e a escuta do sofrimento na conexão e sua intervenção que exige um outro tempo (tecnológico).

Haja vista, para o paciente que chega em busca de respostas sobre o seu sintoma-sofrimento-adoecimento, as intervenções realizadas pelo formato remoto buscam ofertar cuidado em outro formato. Apostando na escuta *flânerie* que propõe um novo modo de

olhar para o sujeito e para o laço social (GURSKI, 2019). Criando possibilidade de se fazerem escutar, bem como circularem no campo das palavras (GURSKI & STRZYKALSKI, 2018).

Assim, não há uma garantia prévia dos resultados, mas uma aposta nos efeitos de uma escuta (acolhimento) sensível que promova a tomada de consciência e consequentemente implicação acerca dos sentimentos/sofrimentos. Possibilitando elaboração e criação de estratégias frente ao sofrimento/adoecimento.

Em contrapartida, o plantão psicológico é uma prática com pouca produção científica (MORELO et al., 2021), que se aprofunda em pressupostos teóricos com poder de reflexão para a prática e a pesquisa na área, alinhada às necessidades de intervenções psicológicas que possam aplacar o sofrimento psicológico em situações de urgência, repensando a clínica em uma perspectiva ampliada e fortemente relacionada à dimensão social (SCORSOLINI-COMIN, 2015). Confrontando a psicologia a repensar a técnica e a ética dentro de um cenário limítrofe, mas carenciada do ponto de vista do cuidado.

No entanto, nem todos os pacientes têm acesso ao modelo de atendimento on-line (celular ou internet), material técnico ou espaço privado sem interferência externa que assegure a privacidade (setting) ético. Demonstrando ser um jogo potente, mas que permanece excluindo dentro de um ciclo de desigualdades (SILVA, 2020).

Dessa forma, a experiência dos atendimento on-line nos tensiona a repensar a psicologia e suas práticas com elevados padrões técnicos e éticos que podem direcionar o cuidado a apenas uma parcela da sociedade. Por outro lado, foi crescente o processo de democratização do cuidado psicológico a grupos sócio geográficos interiorizados que as psicoterapias presenciais-físicas não alcançam. Portanto, reflete-se que o Plantão Psicológico on-line surge como potência de cuidado para a população, aproxima os serviços para as comunidades que tem acesso a recursos tecnológico, ampliando o olhar de cuidado para além do modelo médico ou clínico tradicional, todavia, espera-se que futuramente ocorra de forma política e implicada com os desafios sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo do presente trabalho foi escrever em diálogo com a teoria a vivência no Plantão psicológico on-line durante o período de pandemia de covid-19 na esperança que a partir da reflexão, abram-se novos horizontes nos permitindo outros olhares e, com isso, se construam outros saberes das coisas.

Se viver não tem sido fácil no Brasil, com a pandemia o horizonte se eclipsou munido de luto e desesperança. Nesse contexto, o plantão psicológico surge como possibilidade de cuidado - promoção à saúde mental, promovendo o acolhimento e humanização em outro formato de cuidado ofertado a pessoas em situação sofrimento-adoecimento.

Nesse sentido, o plantão psicológico demonstra ser potente enquanto dispositivos de escuta e de intervenção que atuam pontualmente pelo desdobramento da queixa/sintoma em elaborações de demanda e de recursos subjetivos-sociais, em seus múltiplos contextos, de forma emergencial e acerca o cuidado para as comunidades reúne meio tecnológico. Espera-se que futuramente ocorra de forma política e implicada com os desafios sociais.

Espera-se a partir desse artigo crie-se reflexões, com isso, surjam novas oportunidades de se pensar o cuidado equitativo, empático e democrático. Espera-se que este eclipse seja da mais curta duração possível e que seus rastros não sejam irreparáveis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. O Mal Estar da Pós-Modernidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BRASIL, Diário Oficial da União. Resolução No 4, de 26 de março de 2020. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/resolucao-n-4-de-26-de-marco-de-2020-250189333> Acesso em: 20 Novembro de 2021.

BRASIL, Plenário do Conselho Nacional de Saúde. Resolução No 510, De 07 de Abril de 2016. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf> Acesso em: 20 de Novembro de 2021.

BRASIL, Resolução No 196, de 10 de Outubro de 1996. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/1996/reso196_10_10_1996.html Acesso em: 20 de Novembro de 2021.

BRUNONI, André., SUEN, Paulo., BACCHI, Pedro., RAZZA, Lais., KLEIN, Izio., DOS SANTOS, Leonardo. BENSEÑOR, Isabela. Prevalence and risk factors of psychiatric symptoms and diagnoses before and during the COVID-19 pandemic: Findings from the ELSA-Brasil COVID-19 mental health cohort. *Psychological Medicine*, 1-12, 2021. doi:10.1017/S0033291721001719

CATANI, Júlia; MORETTO, Maria Livia Tourinho. A dor no limite do corpo e da psique: reflexões sobre a clínica psicanalítica e psiquiátrica. *Psicanálise*, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 165-183, 2016. Disponível em: < <http://sbpdepa-org-br.webo8.redhost.com.br/Areas/Admin/Arquivos/Editor/CTP%20MIOLO%20REVIS TA%20SBPDEA%2018%20N1.pdf> >.

CORTIZO, T. L. O nome atual do mal-estar docente. *Estilos da Clínica*, [S. l.], v. 22, n. 1, p. 185-191, 2017. DOI: 10.11606/issn.1981-1624.v22i1p185-191. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/estic/article/view/126608>. Acesso em: 18 abr. 2022.

CONSELHO, Federal de Psicologia. Cartilha de boas práticas para avaliação psicológica em contextos de pandemia, 2020. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2020/08/clique-aqui.pdf> Acessado em: 20 Novembro de 2021.

CONSELHO, federal de Farmácia. Venda de medicamentos psiquiátricos cresce na pandemia, 2020. Disponível em: <https://www.cff.org.br/noticia.php?id=6015&titulo=Venda+de+medicamentos+psiqui%C3%A1tricos+cresce+na+pandemia> Acesso em: 20 de Novembro de 2021.

DEBORD, Gut. *A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo*. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DELEUZE, Gilles. Post-scriptum sobre as sociedades de controle. In: *Conversações* (P. P. Pelbart, Trad.). Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DUNKER, Christian. *Mal-estar, sofrimento e sintoma*. São Paulo: Boitempo, 2015.

DUNKER, Christian. Crítica da razão diagnóstica: por uma psicopatologia não-toda. In Safatle, V., Silva Junior, N., & Dunker, C. (Orgs.), *Patologias do social: arqueologias do sofrimento psíquico* (p. 317-351). Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

DUFOUR, Dany. Robert. *A arte de reduzir as cabeças: sobre a nova servidão na sociedade ultraliberal*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: Alexandre, Marcos A. (org.) *Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza Edições, p. 16-21, 2007.

EVARISTO, Conceição. *Becos da Memória*. 200p. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

EVARISTO, Conceição. *Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*. Scripta. v.13, n.25, p. 17-31, 2009.

FARINHA, Marciana Gonçalves; SOUZA, Tatiana Machiavelli Carmo. Plantão psicológico na delegacia da mulher: experiência de atendimento sócio-clínico. *Rev. SPAGESP*, Ribeirão Preto, v. 17, n. 1, p. 65-79, 2016. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702016000100007&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 18 abr. 2022.

FINK, Bruce. *Fundamentos da Técnica Psicanalítica: uma abordagem lacaniana para praticantes*. São Paulo: Blucher; Karnac, 2017.

FINK, Bruce. *Introdução clínica à psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão* (L. M. P. Vassalo, Trad.). Petrópolis: Vozes, 1987.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. (Trad. Roberto Machado). Rio de Janeiro: Edições Gaal, 1997.

FOUCAULT, Michel. *Em Defesa da Sociedade*. (Trad. De Maria E. Galvão). São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FURIGO, Regina Célia Paganini Lourenço et al . *Plantão psicológico: uma prática que se consolida*. *Bol. psicol*, São Paulo , v. 58, n. 129, p. 185-192, dez. 2008 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432008000200006&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 18 abr. 2022.

FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. In S. Freud. Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud (vol. 21). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. *Linha de progresso na terapia psicanalítica*. in Edição Standard Brasileira das Obras Completas de S. Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FREUD, Sigmund. *Recordar, repetir e elaborar*. *Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise*. São Paulo: sociedade brasileira de psicanálise, 1914.

GURSKI, Rose e STRZYKALSKI, Stéphanie. *A PESQUISA EM PSICANÁLISE E O “CATADOR DE RESTOS”: ENLACES METODOLÓGICOS*. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica* [online]. 2018, v. 21, n. 3 [Acessado 18 Abril 2022] , pp. 406-415. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1516-14982018003012>>. ISSN 1809-4414. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982018003012>.

GURSKI, Rose. *A escuta-flânerie como efeito ético-metodológico do encontro entre Psicanálise e socioeducação*. *Tempo psicanal.*, Rio de Janeiro , v. 51, n. 2, p. 166-194, dez. 2019 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382019000200009&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 18 abr. 2022.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço* (E. P. Giachini, Trad.). Petrópolis: Vozes, 2015.

HILL, Clara. E., KNOX, Sarah., THOMPSON, Barbara. J., WILLIAMS, Elizabeth. N., HESS, Shirley. A., & LADANY, Nicholas. *Consensual qualitative research: An update*. *Journal of Counseling Psychology*, 52(2), 196-205, 2005. Disponível em: doi:10.1037/0022-0167.52.2.196 Acesso em 18 de Abril de 2022.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil*. Rio de Janeiro: Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/bibliotecacatalogo?view=detalhes&id=2101681>>. Acesso em: 20 Nov. 2021.

JOHNS HOPKINS UNIVERSITY & MEDICINE. *COVID-19 Dashboard by the Center for Systems Science and Engineering (CSSE) at Johns Hopkins University (JHU)*. Disponível em: <https://coronavirus.jhu.edu/map.html> Acesso em 20 de Novembro de 2021.

Lipovetsky, Gilles. *A felicidade paradoxal: ensaios sobre a sociedade de hiperconsumo*. (M. L. Machado, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Lipovetsky, Gilles. *A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo*. Lisboa: Edições 70, 2014.

MAIA, Aline Borba; MEDEIROS, Cynthia Pereira de; FONTES, Flávio. O conceito de sintoma na psicanálise: uma introdução. *Estilos clín.*, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 44-61, jun. 2012. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282012000100004&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 18 abr. 2022.

MARCOS, Cristina. & OLIVEIRA JÚNIOR, Ednei. *O sintoma entre a terapêutica e o incurável: uma leitura lacaniana*. Rio de Janeiro: Psicologia Clínica, 2013.

MARTINHO, José. *Freud & companhia*. Porto: Almedina, 2001.

MORETTO, Maria Lívia Tourinho, KUPERMANN, Daniel e HOFFMANN, Christian. Sobre os casos-limite e os limites das práticas de cuidado em psicanálise. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental* [online]. 2017, v. 20, n. 1 [Acessado 18 Abril 2022], pp. 97-112. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1415-4714.2017v20n1p97.7>>. ISSN 1984-0381. <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2017v20n1p97.7>.

Moretto, Maria Livia Tourinho e Silva, Nelson da Os afetos na pandemia da Covid-19 e a política da imobilização psíquica. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental* [online]. 2021, v. 24, n. 2 [Acessado 18 Abril 2022], pp. 243-250. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1415-4714.2021v24n2p243.1>>. Epub 19 Jul 2021. ISSN 1984-0381. <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2021v24n2p243.1>.

MORETTO, Maria Lívia Tourinho; PRISZKULNIK, Léia. Sobre a inserção e o lugar do psicanalista na equipe de saúde. *Tempo psicanal.*, Rio de Janeiro, v. 46, n. 2, p. 287-298, dez. 2014. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382014000200007&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 18 abr. 2022.

MORELO PEREIRA, M.; CASTRO TRAJANO, A. R. .; DE ALMEIDA CARDOSO CAVERSAN, H. .; PEREIRA MOREIRA, S. .; AYRES TIBIRIÇÁ, V. . Plantão psicológico: a prática do acolhimento on-line durante a pandemia da COVID-19. *Revista de Extensão da UPE*, [S. l.], v. 6, n. Especial COVID-19, p. 39-51, 2021. Disponível em: <https://www.revistaextensao.upe.br/index.php/reupe/article/view/96>. Acesso em: 18 abr. 2022.

MOZENA, Helen. *Plantão psicológico: um estudo fenomenológico em um serviço de assistência judiciária (Dissertação de mestrado)*. Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2009.

NOAL, Débora da Silva; PASSOS, Maria Fabiana Damasio; FREITAS, Carlos Machado de (org.). *Recomendações e orientações em saúde mental e atenção psicossocial na COVID-19*. Brasília: Fundação Oswaldo Cruz, 2020. 342 p.

NEVES, Tiago Iwasawa. O universalismo da cura em Freud. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica* [online]. 2020, v. 23, n. 1 [Acessado 18 Abril 2022], pp. 21-29. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1809-44142020001003>>. Epub 24 Jan 2020. ISSN 1809-4414. <https://doi.org/10.1590/1809-44142020001003>.

ORTOLAN, Maria Lúcia Mantovanelli et al . Possibilidade da psicanálise no serviço de plantão psicológico: um lugar de retificação subjetiva. Stylus (Rio J.), Rio de Janeiro , n. 39, p. 147-158, dez. 2019 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-157X2019000200010&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 18 abr. 2022.

OLIVEIRA, G. L. de; MONDONI, D.; PALMA, L. "Da cidade à rede, tem parada?" : Estação Psicanálise na pandemia de Covid-19. Estilos da Clínica, [S. l.], v. 26, n. 2, p. 297-311, 2021. DOI: 10.11606/issn.1981-1624.v26i2p297-311. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/estic/article/view/178696>. Acesso em: 18 abr. 2022.

PEREIRA, Marcelo. Ricardo. O nome atual do mal-estar docente. Belo Horizonte: Fino Traço, 2016.

ROCHA, Amanda Corrêa et al. Sofro, logo me Medico: A Medicalização da Vida como Enfrentamento do Mal-Estar / I Suffer, therefore, i use Self-Medication: The Medicalization of Life as a Coping with Malaise. ID on line. Revista de psicologia, [S.l.], v. 13, n. 46, p. 392-404, jul. 2019. ISSN 1981-1179. Disponível em: <<https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/1854>>. Acesso em: 18 abr. 2022. doi:<https://doi.org/10.14295/idonline.v13i46.1854>.

ROSENBERG, Rachel. Lea. (Org.). Aconselhamento psicológico centrado na pessoa. São Paulo: EPU, 1987.

ROSA, Miriam Debieux. A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento. [S.l: s.n.], 2016.

328

SAFATLE, Vladimir. Circuito dos Afetos: Corpos políticos, Desamparo, Fim do Indivíduo. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

SCORSOLINI-COMIN, Fabio. Plantão psicológico e o cuidado na urgência: panorama de pesquisas e intervenções. Psico-USF [online]. 2015, v. 20, n. 1 [Acessado 18 Abril 2022] , pp. 163-173. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-82712015200115>>. ISSN 1413-8271. <https://doi.org/10.1590/1413-82712015200115>.

SIMÕES, Carolina. A clínica da urgência subjetiva: efeitos da psicanálise em um pronto atendimento (Dissertação de mestrado). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

SILVA, Ricardo. Marinho. (2020). Ensaio sobre o livro “Admirável Mundo Novo” de Aldous Huxley: uma proposta crítica contemporânea. *Revista Psicologia, Diversidade e Saúde*, 9(2), 245-251. doi: 10.17267/2317-3394rpds.v9i2.2811

SILVA, Ricardo. Marinho.; DALTRO, Monica. Ramos. Experiências de sofrimento e enfrentamento no ingressar ao ensino superior: narrativa autobiográfica. *Revista Psicologia, Diversidade e Saúde*, [S. l.], v. 7, n. 3, p. 433-441, 2018. DOI: 10.17267/2317-3394rpds.v7i3.1930. Disponível em: <https://www5.bahiana.edu.br/index.php/psicologia/article/view/1930>. Acesso em: 18 abr. 2022.

SOUZA, Vinicius. José. Lima. & LAUREANO, Pedro. Sobrino. Patologias sociais e a gestão ideológica do mal-estar. *Tempo psicanalítico*, 52(2), 214-229, 2020. Recuperado em 20 de Novembro de 2021, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=So10148382020000200009&lng=pt&tlng=pt.